

**MAS E OS GREGOS, PODEM SER BRASILEIROS?**  
**A ATUALIDADE DOS MITOS EM ADAPTAÇÕES TEATRAIS ESCOLARES**

**Plano de Atividade desenvolvido para a disciplina de Metodologia  
do Ensino de História (EM248)**

**Departamento de Teoria e Prática de Ensino**

**Setor de Educação**

**Universidade Federal do Paraná**

**Docente:** Wilian Carlos Cipriani Barom

**Discentes:** Deisire Ferreira de Assis, Heloisa Motelewski e Renata Cristina de Oliveira

**TEMA:** História Antiga / História Pós-Colonial

**CONTEÚDOS:**

Tendo como parâmetro a lista de unidades temáticas indicadas pela Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), o presente plano de atividade visa abranger:

1. A invenção do mundo clássico e o contraponto com outras sociedades:
  - a) Povos da antiguidade e aspectos da cultura de Grécia e Roma;
2. Lógicas de organização política:
  - b) As noções de cidadania e política na Grécia e em Roma;
  - c) Domínios e expansão das culturas grega e romana;
  - d) O Mediterrâneo como espaço de interação entre as sociedades da Europa, da África e do Oriente Médio;
3. Trabalho e formas de organização social e cultural:
  - e) O papel da mulher na Grécia e em Roma;
4. A história recente:
  - f) Os processos de descolonização na África e na Ásia;
  - g) Pluralidades e diversidades identitárias na atualidade.

**ETAPA DE ENSINO:** 1ª série do Ensino Médio.

**DURAÇÃO:** 4 horas/aula, acrescidas da possibilidade de acréscimo pelo compartilhamento de aulas com outras disciplinas e/ou por momentos no contraturno escolar.

**OBJETIVOS:****GERAIS:**

1. Abrir espaços para a compreensão da História Antiga em uma abordagem transtemporal, compreendendo sua historicidade, atualidade e atualização;
2. Desenvolver novas leituras a respeito de obras literárias e mitológicas antigas;
3. Compreender a potencialidade da crítica desde perspectivas decoloniais e pós-coloniais, fazendo da/do estudante um agente em sua elaboração;
4. Permitir o entendimento acerca do lugar no Brasil, enquanto país latino-americano, no sistema-mundo moderno/colonial e sua relação com outros países subalternizados;
5. Romper com a hierarquização entre povos antigos, ao fazer com que alunas e alunos compreendam gregos e romanos como mais um dentre outros elementos que compõe o passado de nossa sociedade;
6. Indicar caminhos para entender usos e recepções do passado, em especial antigo, na construção de resistências latino-americanas, caribenhas, africanas e asiáticas;

**ESPECÍFICOS:**

1. Desenvolver críticas históricas e/ou sociais por meio do teatro e da performance;
2. Rer textos antigos com o intuito de construir entendimentos acerca de seus potenciais enquanto ferramentas de crítica e de reflexão;
3. Propiciar o contato com a linguagem teatral e performática na elaboração de pensamentos próprios;
4. Abarcar elementos essenciais ao mito antigo e contemplar suas permanências e suas rupturas correspondentes à atualidade;
5. Desmembrar o conhecimento sobre a Antiguidade, em suas mais diversas facetas, em suas relações com o tempo presente;

**JUSTIFICATIVA:**

Propondo-se a uma atividade que solicite dos/das estudantes uma adaptação teatral com base em mitos antigos, o presente plano visa aliar estudos referentes ao passado antigo à uma perspectiva de ensino decolonial. Desde uma base científica alicerçada em estudos historiográficos sobre a antiguidade, a atualidade nigeriana e o presente brasileiro, ademais de em análises literárias sobre a mitologia grega, nosso projeto almeja também a inclusão de saberes afastados dessa qualificação acadêmica ao incluir a ficção em seu núcleo de ação. Desse modo, nada mais que um objetivo de se confrontar com os sistemas de dominação que acabam por ser formatados pela colonialidade, ao passo de que, como estudado por Castro-Gómez (2000), a modernidade, em seus mecanismos de exploração, fomenta uma imposição a partir dos campos de conhecimento ao, neles, incutir seus traços de poder. Nesse sentido,

conclui também Santos (2019), constitui-se uma linha abissal que segrega o mundo metropolitano do mundo colonial, o Norte do Sul global, criando uma concepção do primeiro enquanto verdadeiro detentor do conhecimento, do segundo como pautado em mitos e lendas. Às vistas disso, a união entre diversos materiais e percepções sobre o passado, neste caso reunidos sob a literatura e a performance teatral, assume caráter transgressor das sujeições controladoras coloniais e imperialistas modernas (**EM13CHS101**). Portanto, o mito antigo, ao ser transfigurado a caracteres contemporâneos, passa a se assumir um ente de crítica à tal perpetuidade de dominações eurocentradas nos campos do conhecimento (**EM13CHS103; EMCHS104**).

Há, ainda, de se verificar como a tarefa apontada igualmente adere-se à uma proposição de identificação de determinados grupos subalternizados e excluídos entre o passado e o presente, ao ponto de se admitir a oportunização de estabelecer pareceres sobre seus lugares sociais e culturais (**EM13CHS503; EM13CHS601**). Produzem as/os estudantes um conhecimento renovado, tangente às experiências brasileiras que identificam como passíveis de crítica e de nova formatação, como engatadas às vivências de dominação e de exclusão – as quais, inerentemente, enquadradas sob a intimidade das manifestações da colonialidade (**EM13CHS102; EM13CHS504**). Decolonizam, assim, por si mesmos; desfiguram uma antiguidade até então aclamada enquanto única e exclusivamente de raízes europeias, podendo inseri-la no rol dos passados que compõe as suas próprias histórias, em iguais medidas que ali estão os passados indígenas, africanos, coloniais. Gregos, romanos, egípcios e outros povos agem, dessarte, inflexionando as segregações coloniais, admitindo a força do local na criação de narrativas outras sobre um passado continuamente admitido como universal – universal este, porém, criado por apreensões propriamente eurocentradas, em termos masculinos, brancos, católicos, proprietários, familiares, letrados e heterossexuais (CASTRO-GÓMEZ, 2000). A isso, somam-se, então, brechas já aclamadas por Escobar (2005) para se repensar a localidade em suas historicidades, pautando entendimentos sobre suas contínuas significações culturais (**EM13CHS205**).

Nessa trilha, alunas e alunos encontram possibilidade de emanar identidades outras, repletas de suas particularidades e de suas essências, encadeando diferentes passados em um prisma pós e decolonial. Assume-se a destreza das diversas antiguidades apreendidas enquanto partículas que, de igual valor, acabam por determinam uma pluralidade de percepções sobre o presente e de transformações possíveis para o futuro (**EM13CHS501; EMCHS502**). A recepção, teórica e prática, em definições traçadas por Hardwick (2003), aparece como alternativa para o reconhecimento das diferenças a partir dos materiais antigos, fontes e documentos, apropriados e reapropriados em leituras inovadoras, em um caminho duplo entre passado e presente – ou seja, a antiguidade ilumina a atualidade, simultaneamente a que a atualidade ilumina a antiguidade. Um procedimento criativamente mais caro à autora (2007) entre os contextos pós-coloniais, fruto de uma imaginação e de uma prática ainda mais marcantes, seria a teatralidade, com reconceituações mais fortes, amplas e resistentes.

Define-se, enfim, uma proposta de ação intercultural, formadora identitária, atenta para as problemáticas que afetam a vida de estudantes por sua existência latina, brasileira. Na aproximação de Walsh (2005), nos vinculamos aos movimentos constantes entre globalização e hibridizações, entre as distinções sociais, com os objetivos de fortalecer identidades, promover a comunicação, a subjetividade, o diálogo. É explorar conhecimentos e atitudes na

busca pela ruptura com as estereotípias negativas históricas até então normalizadas no ensino, induzindo à compreensão das tensões culturais e preocupando-se com as melhorias nas relações comunitárias por parte da primazia da associação democrática entre unidade e diversidade (**EM13CHS605; EM13CHS606**).

Um complexo de ensejos decoloniais possibilitados na composição performática, na admissão do corpo veículo de ideias de conhecimentos, de resistências e de embates. Uma ação pensada com o intuito de oportunizar “*reconstruir los viejos odres para que puedan contener el nuevo vino*” (CASTRO-GÓMEZ, 2000, p. 158).

A mobilização dessas observações teóricas acaba por resultar na aplicação das seguintes competências específicas e por esperar pelo desenvolvimento destas habilidades específicas pelas/pelos estudantes, nos moldes da Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018):

- Competência Específica 1: analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica.

**EM13CHS101:** Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.

**EM13CHS102:** Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.

**EM13CHS103:** Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros).

**EM13CHS104:** Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.

- Competência Específica 2: analisar a formação de territórios e fronteiras em diferentes tempos e espaços, mediante a compreensão das relações de poder que determinam as territorialidades e o papel geopolítico dos Estados-nações.

**EM13CHS205:** Analisar a produção de diferentes territorialidades em suas dimensões culturais, econômicas, ambientais, políticas e sociais, no Brasil e no mundo contemporâneo, com destaque para as culturas juvenis.

- Competência Específica 5: identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.

**EM13CHS501:** Analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, tempos e espaços, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a cooperação, a autonomia, o empreendedorismo, a convivência democrática e a solidariedade.

**EM13CHS502:** Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas, etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.

**EM13CHS503:** Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.

**EM13CHS504:** Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas.

- Competência Específica 6: participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

**EM13CHS601:** Identificar e analisar as demandas e os protagonismos políticos, sociais e culturais dos povos indígenas e as populações afrodescendentes (incluindo as quilombolas) no Brasil contemporâneo considerando a história das Américas e o contexto de exclusão e inclusão precária desses grupos na ordem social e econômica atual, promovendo ações para a redução das desigualdades étnico-raciais no país.

**EM13CHS605:** Analisar os princípios da declaração dos Direitos Humanos, recorrendo às noções de justiça, igualdade e fraternidade, identificar os progressos e entraves à concretização desses direitos nas diversas sociedades contemporâneas e promover ações concretas diante da desigualdade e das violações desses direitos em diferentes espaços de vivência, respeitando a identidade de cada grupo e de cada indivíduo.

**EM13CHS606:** Analisar as características socioeconômicas da sociedade brasileira – com base na análise de documentos (dados, tabelas, mapas, etc.) de diferentes fontes – e propor medidas para enfrentar os problemas identificados e construir uma sociedade mais próspera, justa e inclusiva, que valorize o protagonismo de seus cidadãos e promova o autoconhecimento, a autoestima, a autoconfiança e a empatia.

## **METODOLOGIA:**

Para que esse plano seja aplicado em sala, espera-se que a/o docente responsável pelas aulas de história já tenha introduzido os/as alunos/alunas nas discussões que competem à História Antiga, grega e romana, especialmente. Esta atividade é sugerida enquanto encerramento das unidades didáticas correspondentes à antiguidade, ao passo de que articula elementos que já devem ser conhecidos pelas/pelos estudantes, tais como aspectos culturais e sociais antigos. Por esse modo, e dada a extensão da tarefa proposta, decidimos por segregar o trabalho em algumas etapas. A primeira delas reside na retomada, por parte do/da professor/professora dos principais pontos já expostos e analisados pelas/pelos estudantes em aulas anteriores. Seria esse o instante de fechamento dos conteúdos e discussões já realizados em sala de aula. Em seguida, a/o docente apresentaria as histórias mitológicas que, sequencialmente, serão utilizadas como suporte para a realização da atividade. Encerrada essa

apresentação, deve-se descrever os exemplos selecionados, de modo a melhor guiar os/as discentes na realização do que lhes é solicitado, bem como indicar uma lista de temáticas que os orientem na atividade. Por fim, procede-se a divisão da turma em grupos (sugere-se grupos de 5 a 7 integrantes), introduzindo o comando da tarefa a ser realizada. Logo, algumas horas são cedidas para a elaboração do material e ensaio da performance, que será sequencialmente apresentada entre elas/eles, em um tempo aproximado de 10 minutos.

Por essa metodologia, almejamos um reforço da abordagem decolonial por nós assumida, ao passo de se converterem os/as discentes em produtores do conhecimento. Afinal, são eles construtores de uma aproximação latino-americana para com um teatro de recepção do mundo antigo, por suas óticas exclusivas no tocante aos encargos do Brasil e da América Latina no sistema moderno/colonial. Ao mesmo tempo, ao mostrar sociedades gregas e romanas que não meramente “europeias”, a encenação reforça a diversidade da antiguidade, aliando narrativas outras sobre o passado que permitem ponderar sobre a produção colonial de caracterizações raciais e de gênero. Conquanto, é uma proposta de reflexão estudantil sobre marginalizações e opressões modernas, colocando as pessoas vitimadas nas adaptações teatrais de sua autoria.

É o fundamento, portanto, a experimentação performática, uma leitura variável segundo as temporalidades, seus leitores, suas psicologias, suas submissões a diferentes processos de comunicação (ZUMTHOR, 2007). Adquire os componentes antigos, no teatro, em conformidade com Hardwick (2003), a força da criação artística e intelectual, crítica, social e política, em uma linguagem simbólica potente. Uma língua alternativa, pois, para a demarcação da presença, da expressão, do afastamento ao autoritarismo, em uma exortação que nos recorda dos ecos carnavais das palavras reais vistos em Larrosa (2014).

## **DESENVOLVIMENTO:**

De modo a melhor distribuir as fases de aplicação da atividade sublinhadas na seção anterior, optamos por conceber a sua realização em quatro aulas. Porém, é válido pensar a possibilidade de se adicionar um momento externo a esses espaços, em contraturno escolar, para disponibilizar maior tempo às/aos estudantes para o preparo de suas produções. Além disso, haja vista a particularidade transdisciplinar da proposta, aliando outros campos do saber das ciências humanas e das linguagens (como arte e literatura), sugere-se que a/o professora/professor desenvolva um projeto conjunto com outras/outras docentes. Por essa forma, vemos a oportunidade de uma melhor separação e desenrolar das etapas, sem que acabem por resultar em uma grande demanda de horas-aula a um/uma único/única professor/professora.

### **1ª AULA:**

A começar, propomos que já ao início da primeira aula, a/o docente recupere, de forma sintética, os temas principais anteriormente abordados na disciplina. Para tanto, espera-se que tenha previamente colocado discentes em contato com discussões e temáticas referentes às diversidades inerentes às histórias de Grécia e Roma – nossa recomendação, aqui, vai no sentido de abordar a cultura romana, por exemplo, enquanto espaço intermediário de relações

entre culturas e sociedades, em um multilinguismo histórico-cultural (WALLACE-HADRILL, 2008). Em anterioridade, devem os/as alunos/alunas entender a historicidade das definições sobre povos e identidades, igualmente aplicada ao mundo antigo, um ponto que aconselhamos haver sido abordado desde fontes literárias, mitológicas e teatrais gregas. Deste modo, pensamos que estudantes podem estar antecipadamente ambientados nessas diferentes linguagens e temas, facilitando a apreensão do projeto que lhes será demandado.

Depois desse primeiro momento, segue-se para uma apresentação de alguns exemplos de mitos gregos, os quais irão compor a lista de sugestões para serem usadas como base para a atividade (ver **Anexo 1**). Terminada a mostra das histórias, segue-se para a explicação da proposta, apoiada no seguinte enunciado:

“A partir do exemplo que será apresentado em aula, crie uma adaptação teatral com base em um mito grego (da lista que será dada pela professora/pelo professor) com reflexões críticas sobre o passado e o presente do Brasil”

Depois de assegurada a compreensão pela totalidade dos/das estudantes, entregar a tradução de trecho de “As Troianas”, de Eurípides (em **Anexo 2**). Para melhor compreensão do contexto da obra, é interessante narrar brevemente a história lendária da Guerra de Tróia, de modo a relembrar ou introduzir seu enredo. Enquanto leem rapidamente o texto, preparar a projeção de uma encenação da parte escolhida (link no **Anexo 3**). Depois, repetir o processo com a CENA 2 da peça “As Mulheres de Owu” (tradução ao **Anexo 4**), pontuando que se trata de uma obra criada para refletir sobre as relações modernas entre o passado Yoruba e o imperialismo na Nigéria (BUDELMANN, 2007). Para a exibição da encenação, conferir o vídeo selecionado junto ao **Anexo 5**. Nos tempos restantes da aula, seria interessante abrir um espaço para discutir todas essas fontes documentais, coletando as principais ideias dos/das alunos/alunas a respeito delas.

## 2ª AULA:

Já na aula próxima, a turma seria dividida em grupos para a realização da tarefa. Cada um deve ter em torno de 5 a 7 integrantes, a depender do número de estudantes, e deve montar uma apresentação de cerca de 10 minutos. Cada um desses grupos ficará responsável por adaptar um dos mitos da lista apresentada em formato de teatro, ligando-o a um dos tema-problema indicados em segunda lista pela/pelo professor (conferir **Anexo 6**). A designação desses materiais pode ser feita pela escolha entre os grupos, tendo em vista que essa prática permite que desenvolvam as habilidades de diálogo e de comunicação na negociação da distribuição dos temas. Encerrada essa divisão, explicar os critérios de avaliação da atividade (vide tópico **Avaliação**). O restante da aula será conferido para que as/os discentes comecem a produzir um breve *script* da performance que irão realizar, estando o/a professor/professora disponível para conversar sobre as ideias que surgirem.

ENTRE A 2ª E 3ª AULAS, aconselha-se a realização de um período de atividade contraturno, procedendo-se das ações burocráticas e legais requisitadas pela instituição de ensino para que isso se realize. Seria esse um momento propiciado para ajustes no texto-base

e para o ensaio das apresentações, estando a/o docente na orientação das propostas estudantis, sanando suas dúvidas e dialogando sobre suas ideias.

Ademais, ao se retomar a interdisciplinaridade do trabalho, retoma-se a recomendação para uma articulação com aulas de outras matérias escolares afins. Com isso, discentes poderiam aprofundar o desenvolvimento da atividade, compreendendo a relação disciplinar variada que é empreendida por obras teatrais críticas.

### 3ª E 4ª AULAS:

Sendo esses os últimos momentos para a realização da proposta, seriam as aulas destinadas à apresentação do alunado dos resultados de suas adaptações. Como acima recomendado, seriam mostras de aproximadamente 10 minutos por grupo. Igualmente, aconselha-se uma consulta com a turma sobre o interesse de apresentar suas peças para seus responsáveis. Em caso de resposta afirmativa, pode-se dar início aos trâmites institucionais para a realização de um pequeno evento de exibição teatral. Por fim, seria interessante que o/a docente abrisse um espaço de conversa sobre as experiências, permitindo a troca entre as/os alunas/alunos sobre a experiência e as reflexões suscitadas pela tarefa.

## AVALIAÇÃO:

De modo a atribuir a avaliação dos resultados obtidos pela atividade, divide-se a valoração das criações dos estudantes entre seus dois produtos: o texto e a performance. A nota final atribuída corresponde a uma média simples entre os valores obtidos no exame textual e no exame da apresentação.

Para a avaliação do TEXTO redigido pelas/pelos estudantes:

<b>Critério</b>	<b>Valor</b>
O texto se adequa ao mito grego escolhido como base para as reflexões;	4,0
O texto apresenta uma reflexão crítica sobre o tema/problema selecionado como base para as reflexões;	4,0
O texto adequa-se à forma e à linguagem de um roteiro teatral;	1,0
O texto obedece à norma culta da língua portuguesa e adequa-se à quantidade de integrantes do grupo.	1,0

Para a avaliação da APRESENTAÇÃO:

<b>Critério</b>	<b>Valor</b>
A apresentação segue o roteiro apresentado, adequando-se ao mito grego e ao tema/problema usados como base para as reflexões críticas;	8,0
A apresentação tem a participação de todas/todos integrantes;	1,0
A apresentação respeitou o limite de tempo estabelecido;	1,0



## REFERÊNCIAS:

### 1. FONTES DOCUMENTAIS:

EURÍPIDES. Tradução de: David Jardim Júnior. **As Troianas**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

HIGGINGS, Charlotte. Tradução de: Denise Bottmann. **Mitos gregos: nas tramas das deusas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

OSOFISAN, Femi. **The Women of Owu**. Ibadan: University Press PLC, 2006.

### 2. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. Ciencias Sociales, violencia epistémica y el problema de la “invención del otro”. In: LANDER, Edgardo. **La colonialidade del saber: eurocentrismo y ciencias sociales – perspectivas latinoamericanas**. Caracas: IESALC, 2000. p. 145-161.

ESCOBAR, Arturo. O lugar da natureza e a natureza do lugar: globalização ou pós-desenvolvimento? In: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005. p.69-86.

HARDWICK, Lorna. From the Classical Tradition to Reception Studies. In: \_\_\_\_\_. **Reception Studies**. New York: Cambridge University Press, 2003. p. 1-11.

\_\_\_\_\_. **Reception Studies**. New York: Cambridge University Press, 2003.

LARROSA, Jorge. Tradução de: Cristina Antunes. Ferido de realidade e em busca de realidade. Notas sobre linguagens e experiências. In: \_\_\_\_\_. **Tremores: Escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. p. 73-122.

SANTOS, Boaventura de Souza. Direitos Humanos, democracia e desenvolvimento. In: **O Pluriverso dos Direitos Humanos - a diversidade das lutas pela dignidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 39-61.

WALLACE-HADRILL, Andrew. Culture, Identity and Power. In: \_\_\_\_\_. **Rome's Cultural Revolution**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 3-37.

WALSH, Catherine. **La interculturalidad en la educación**. Lima: Ministerio de la Educación, 2005.

ZUMTHOR, Paul. Performance e Recepção. In: \_\_\_\_\_. **Performance, recepção, leitura**. Tradução de: Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2007. p. 45-60.

## **ANEXOS:**

### **ANEXO 1 – LISTA DE SUGESTÕES DE MITOS**

#### **A BATALHA DE TITÃS:**

“No centro da tapeçaria, Atena teceu quatro cenas importantes, começando pela história da última grande guerra do céu – a Gigantomaquia, a batalha entre Olímpiano e Gigantes. Depois da vitória de Zeus sobre os Titãs, a paz entre as várias gerações dos imortais continuou frágil e incerta. Os Titãs lutavam contra seus grilhões; a própria Gaia se enraivecera perante a humilhação que eles passavam. Ela deu à luz uma nova geração de imortais – criaturas enormes, de tal altura que as cabeças roçavam o transparente Éter. Em vez de pernas, os Gigantes eram sustentados por serpentes gêmeas, com escamas rijas como uma armadura. Eles começaram a atacar o Olimpo, arremessando grandes blocos de pedra e carvalhos em chamas contra a cidadela no alto do monte, atingindo os palácios dos deuses, até que o fogo se espalhou e queimou os salões pintados com afrescos.

Por fim, um oráculo disse aos Olímpianos que eles só venceriam a guerra contra os Gigantes se tivessem a ajuda de um mortal. Assim, Atena foi em busca de Hércules. Filho do próprio Zeus e de uma mãe humana, Alcmena, Hércules era de longe o guerreiro mais brutal e preparado entre os homens. Ele agora estava ombro a ombro com Atena, despejando uma chuva de flechas sobre os Gigantes, enquanto os Olímpianos usavam todas as suas armas. Hefesto arremessava projéteis de metal incandescente; mesmo as Moiras, as antigas e poderosas deusas que fiam, tecem e cortam o fio das vidas humanas, combateram com clavas de bronze. Atena pegou um bloco de pedra e o arremessou; ele caiu no mar, prendendo sob seu peso o Gigante Encélado, e se tornou a bela e fértil ilha da Sicília. Finalmente, a batalha virou em favor dos Olímpianos. Foi essa a cena que a deusa colocou bem no centro da tapeçaria: ela própria lutando, com Hércules ao seu lado.

Mas, no momento em que os deuses perceberam que estavam em vantagem, Gaia enviou uma última criatura para combatê-los — um filho seu gerado com o negrume ressoante do Tártaro. Tífon era ainda maior do que os Gigantes. Tinha o tronco de um homem enorme, mas cem víboras de tamanho monstruoso ocupavam o lugar das pernas, e ele tinha múltiplas cabeças de serpente. De suas bocas saía um silvo enlouquecedor e os olhos soltavam chamas. Zeus, em seu desespero final, entrou em combate singular com ele, golpeando-o com seu raio, atingindo-o e chamuscando-o com infindáveis cargas elétricas, como um pugilista que, mesmo no fim de suas forças, sangrando e recuando, à beira do colapso, ainda consegue desferir uma chuva de golpes no adversário.

O duelo prosseguia feroz sobre os mares, e Zeus arremessou contra o adversário o monte Etna, que caiu na Sicília, prendendo Tífon debaixo de si. Ainda hoje é possível sentir a fúria da criatura, gemendo e se agitando, enviando seu hálito sulfuroso aos picos nevados; mesmo em nossa época, ele quase conseguiu escapar de sua prisão de pedra para subir furiosamente aos céus mais uma vez. Foi essa a última grande batalha dos deuses, quando a generosa Gaia foi derrotada e despojada por seus próprios filhos e netos.

#### **PERSÉFONE**

O segundo painel central de Atena mostrava um grupo de deusas passeando por um prado primaveril: a própria Atena, as Oceânides, Ártemis, Perséfone (filha de Deméter) e Hécate, a

grande feiticeira entre os imortais, que traz fertilidade aos rebanhos. As deusas colhiam flores: de açafrão, violeta e íris. Atena deu brilho às flores usando fios de um púrpura cintilante.

Depois de algum tempo, elas pararam para descansar às margens de um riacho — exceto Perséfone, que continuou a colher flores, afastando-se cada vez mais das companheiras adormecidas. Um narciso pálido oscilava à brisa, espalhando seu perfume delicado. Inclinando-se para colhê-lo, ela sentiu um súbito calafrio, como se uma nuvem espessa tivesse passado diante do sol trazendo consigo um sobressalto de ansiedade. Foi como quando estamos a sós, andando à noite na rua de uma cidade, e percebemos o som de passos atrás de nós. Apertamos o passo, olhando sempre em frente, ao mesmo tempo sabendo que pode não ser nada, absolutamente nada. Ao se endireitar, ela viu que uma carruagem negra, puxada por cavalos negros, se detivera silenciosamente a seu lado. Empunhando as rédeas, muito acima dela, estava um deus — um deus que parecia eliminar a alegria do ar primaveril em torno de si e drenar a luz do céu.

— Entre — disse ele, sorrindo. — Uma deusa tão encantadora como você não precisa andar. Levo-a aonde quiser.

— Não — ela respondeu, embora sentisse as entranhas contraídas de medo. — Obrigada. Mas prefiro andar.

Ele riu. Ela largou as flores, virou-se e saiu correndo. Ele puxou violentamente as rédeas dos cavalos, forçando-os a dar a volta, chicoteando-os na perseguição à deusa de pés ligeiros. Num átimo, o único sinal de que alguém estivera ali eram os açafrões espalhados e pisoteados. As outras deusas nada perceberam — exceto uma, que divisou vagamente, pelo canto dos olhos, uma faixa de escuridão na distância, abanou a cabeça e pensou que estava sonhando.

Perséfone era veloz, mas, mesmo assim, não tinha como vencer os cavalos negros: o condutor era Hades, comandante das incontáveis legiões de mortos, um deus mais forte que todos os outros, exceto seus irmãos Zeus e Posêidon. Agora ela chamava por Zeus, seu pai, implorando que viesse salvá-la. Mas o protetor da justiça não a ouviu. Estava muito longe, num de seus templos, recebendo oferendas da humanidade. E, de todo modo, ele próprio planejava tudo aquilo, junto com o irmão.

Logo Hades a alcançou. Segurava as rédeas com a mão esquerda e, abaixando o braço direito, puxou-a para a carruagem, prendendo-a junto ao corpo frio como ferro, apalpando impiedosamente suas coxas, enquanto os cavalos galopavam, distanciando-a cada vez mais das amigas. Ela se debatia e gritava, agora chamando pela mãe, Deméter.

Enquanto galoparam pelas planícies e colinas, enquanto ela viu o sol e o céu, Perséfone teve esperança de que Deméter a ouvisse. Mas então, ao se aproximarem do sopé de uma cordilheira desolada, a terra se abriu e escancarou-se um abismo. Hades conduziu os cavalos diretamente para lá, açulando-os para descerem mais e mais. Ao serem tragados pela terra, Perséfone lançou um último grito desesperado. Então as rochas acima deles gemeram e se moveram, estreitando o trecho de céu claro e cálido até não restar nada além da escuridão úmida e viscosa.

Foi esse grito final que Deméter ouviu ecoar pelas montanhas. Horrorizada com a angústia na voz de sua querida filha, ela deixou os salões do Olimpo e voou pelos céus como uma águia, escrutinando planícies e montanhas, procurando Perséfone por terra e por mar. Mas não encontrou qualquer vestígio. Nenhum deus ou mortal pôde ou quis lhe dizer coisa alguma; nenhum pássaro de agouro ousou lhe enviar qualquer sinal. Ela desceu à Terra e vagueou durante nove dias, procurando; não comeu nada, não bebeu nada, não parou um instante sequer para dormir ou se banhar. Por fim, encontrou a deusa Hécate e sondou-a.

— Não sei o que vi naquele dia — respondeu Hécate —, mas era *alguma coisa*: uma cavidade na luz, como um furacão escuro. Talvez Hélio saiba lhe dizer mais.

Sem uma palavra, Deméter se virou e, junto com Hécate, voou reta como uma flecha até o refulgente Hélios, o sol, que percorria o céu. As duas se puseram bem diante do caminho de sua carruagem, detendo seus cavalos de brilho ofuscante.

— Respeite-me como sua igual — disse Deméter — e diga a verdade. Onde está Perséfone? Onde está minha filha? Ouvi a voz dela gritando por mim. Você vê tudo e todos, e então me diga: alguém a raptou?

— Respeito-a e me compadeço, e sim, vou lhe dizer a verdade. Foi Hades quem pegou Perséfone. Quer se casar com ela — disse Hélios. — Ela está em segurança, no Infero. Vi-a fugindo dele, gritando pelo pai, gritando por você... Mas ouça, não há nada que você possa fazer. Hades planejou isso com o próprio Zeus. E afinal ele não será um marido tão ruim. Veja o poder que tem, quantas almas governa lá embaixo em seu grande reino do Érebo. Ela será uma grande rainha. Vai ser melhor assim.

Com isso, gritou aos cavalos, e eles partiram alegremente pelo céu, voando como pássaros rumo ao horizonte.

Deméter, de início, não se moveu. Mas então foi tomada de fúria, de uma fúria terrível e de uma dor ainda mais brutal do que antes. Disparou para a Terra como um falcão arremetendo contra sua presa. Lá chegando, mudou sua figura, enrugando a pele clara e luminosa, encolhendo-se, encurvando as costas, até ficar com a aparência de uma mulher frágil e idosa. Passou meses alimentando sua angústia, vagueando entre os humanos, mendigando farelos a reis e criadores de porcos, a princesas e campônios; por vezes, regateou a travessia dos mares com pescadores e mercadores. Viu muitas cidades e aprendeu como pensavam muitos dos humanos. Alguns lares a acolhiam com bondade, dando-lhe pão, azeitonas e vinho para se alimentar e só lhe fazendo perguntas depois que ela saciava a sede e a fome; quando tinha sorte, as escravas lhe preparavam uma cama no canto de uma casa, com tapetes e peles de carneiro para aquecê-la. Em outros lugares, era enxotada entre insultos e zombarias, ou pior — atirando-lhe um escabelo ou soltando sobre ela os cães da propriedade.

Um dia, nos arredores de um pequeno povoado, ela parou para descansar junto a um poço. Quando estava ali sentada, à sombra de uma oliveira, cansada e faminta em seu corpo de mortal, o coração doendo pela filha perdida, quatro moças vieram pela trilha, conversando, rindo e brincando entre elas; traziam cântaros que deviam encher de água e levar para a casa dos pais. A mais velha, Calídice, tão logo viu a mendiga, falou:

- Não quero me intrometer, mas você parece estar totalmente sozinha. Podemos ser de algum auxílio? Tenho certeza de que encontraria um leite em nosso povoado.

A deusa sorriu e contou uma história às irmãs.

— Agradeço a bondade de vocês, filhas. Eu me chamo Doso e venho de Creta. Contra minha vontade, vejam. Eu e algumas outras mulheres fomos cercadas e raptadas por um grupo de piratas. Eles nos levaram até o continente. Fiquei com medo de que nos vendessem para comerciantes de escravos e assim, quando estavam assando carne e se embriagando, consegui me esgueirar e fugi. Acabei chegando até essa fonte, mas você tem razão, preciso de um teto sobre minha cabeça. Então me diga: onde estou e a que casa devo ir? Trabalharei de bom grado. Posso cuidar de crianças ou supervisionar moças no tear, o que for necessário.

— Lamento saber o quanto tem sofrido — disse Calídice. — Os imortais deuses enviam a nós, mortais, muitas amarguras que temos de suportar. Mas vou lhe explicar onde estamos: o local mais próximo se chama Elêusis, e há lá duas ou três famílias que certamente lhe dariam abrigo. Mas e se perguntarmos à nossa mãe se ela a receberia? Se esperar aqui, vamos até lá agora mesmo e falamos com ela. Temos um irmãozinho que precisa de uma ama e talvez, se nossos pais concordarem, você poderia morar conosco e ajudar a cuidar dele.

A deusa assentiu com a cabeça; as moças encheram seus cântaros de água e correram de volta para casa. Deméter não esperava muito que voltassem, mas, depois de algum tempo, voltaram: antes mesmo de vê-las, a deusa pôde ouvi-las rindo e conversando e, quando despontaram na curva na trilha do gado, ela pôde ver os cabelos das jovens cintilando à luz do sol. As moças ajudaram a deusa a se levantar e, andando lentamente, voltaram com ela à casa dos pais, Celeu e Metanira; quando chegaram à soleira, correram até a mãe, que estava sentada numa cadeira belamente entalhada, sorrindo e aninhando o bebê junto ao seio.

A velha estava atrás das jovens, e assim elas não a viram entrar na sala, como a mãe viu. Quando a sandália de Deméter ressoou no degrau da porta, Metanira teve certeza de vislumbrar brevemente não a silhueta de uma velhinha encurvada contra a luz da manhã, mas sim uma deusa, alta, forte e esguia. A impressão logo sumiu, no entanto, e havia ali apenas uma mendiga esfarrapada. Mesmo assim, Metanira — temerosa e cheia de reverência — pôs-se de pé num salto e ofereceu sua própria cadeira à visitante. Mas Deméter manteve os olhos modestamente baixos, fitando o chão, e declinou o convite para se sentar até que Iambe, a escrava, tomou a iniciativa de trazer uma banquetas, que forrou com uma pele de carneiro. E a deusa imortal, enquanto observava a mãe mortal aleitando o bebê, cercada pelas filhas tagarelando, envolveu o rosto com o xale a fim de esconder as lágrimas. Sentiu que o coração ia explodir de dor ao relembrar a filha querida.

Deméter ficou um longo tempo ali sentada, mergulhada em pensamentos, sem dizer nada. Metanira, com tato, não a pressionou para falar, e quando Iambe lhe ofereceu uma bebida refrescante de cevada, água e ervas, ela recusou. A isso, Iambe fez um gracejo obsceno para que a visitante risse — e, a despeito de si mesma, a deusa realmente riu. Seu estado de espírito melancólico se dissipara.

— Seja bem-vinda, senhora — disse Metanira. — Posso ver que é uma pessoa de respeito; há graça e bondade em seus olhos. Tem sofrido muito. Perder o lar, ser exilada, ser separada da família... é duro. Mas gostaríamos que adotasse nossa casa como sua, se em troca me ajudar a cuidar de meu filhinho, Demofonte.

— Deixe-me segurá-lo — pediu a deusa, estendendo os braços para a criança. — Realmente cuidarei dele, e prometo que, enquanto eu estiver com ele, estará a salvo de qualquer mal.

Brincou com ele nos joelhos, aninhou-o junto a si, sentiu seu cheirinho delicioso de bebê e sussurrou em seu ouvido:

— Hades não o pegará, não mesmo.

Deméter — ou Doso, como era conhecida na família mortal — se tornou a ama de Demofonte. Cada dia tinha seu ritmo: brincava com ele, acalmava suas lágrimas e, enquanto o menino dormia, varria os salões com Iambe e supervisionava as escravas mais jovens trabalhando na fiação e nos teares. Enquanto isso, todos percebiam como Demofonte crescia depressa, ultrapassando as outras crianças da mesma idade. Sua pele cintilava, os olhos brilhavam, o cabelo crescia basto e lustroso, nunca tinha aquelas doenças infantis que acometiam os amiguinhos.

Metanira tinha mais ou menos apagado a estranha visão que tivera no dia em que Doso chegara à sua porta. Mas, depois de algum tempo, ficou preocupada com a incrível força e vigor de Demofonte. De onde vinham? Logo que Doso começara a cuidar do menino, de repente ele desmamara sozinho. Então Metanira se deu conta: nunca vira a ama alimentá-lo com coisa alguma — nenhum pedacinho de pão embebido em leite, nenhum naco macio de fruta, que as crianças pequenas conseguem comer. Talvez tudo se fizesse discretamente, fora de suas vistas... ainda assim... Mas certamente não havia com o que se preocupar — o filho era feliz e saudável. Por outro lado, não havia algo de misterioso em seu surto de crescimento, em seu florescimento quase luminoso?

Metanira resolveu observar de perto a ama e o bebê. Passou todo o dia seguinte ao lado deles, dando alguma pequena desculpa para deixar o tear e ficar a observá-los enquanto brincavam no pátio sombreado ou examinar o menino enquanto dormitava no berço forrado de pele de carneiro. E, embora não houvesse o que criticar no cuidado paciente e bem-humorado que Doso dedicava ao menino, o mistério permanecia — quando o menino comia? Talvez, pensou Metanira, a ama o alimentasse apenas à noite, por estranho que parecesse. Assim, ela se manteve acordada enquanto toda a casa se recolhia e, quando julgou que todos estavam dormindo, saiu silenciosamente de seu quarto, foi até o quartinho de Doso e abriu suavemente a porta.

Por um instante, ficou imóvel. Então gritou. Tinha visto uma coisa terrível, inimaginável: seu filhinho, seu bebê, no fogo — e Doso ali parada, olhando. Metanira entrou correndo e, mergulhando os braços nus entre as chamas, retirou a criança. Mas Doso rugiu furiosa e tentou arrancar o bebê dos braços de Metanira; enquanto lutavam, Demofonte escorregou das mãos delas e caiu no chão.

Doso se virou para Metanira.

— Sua tola! — exclamou. — Sua mortal estúpida e ignorante! Não tem ideia do que acabou de fazer. Todas as noites ponho Demofonte nesse fogo, e todas as noites faço com que o fogo consuma um pouco mais de sua humanidade fraca e patética. Juro pelo rio Estige, a água implacável que circunda o Ínfero, que teria feito dessa criança um deus, para se sentar a meu lado em meus salões no Olimpo. Agora, por causa de sua inépcia crassa, ele morrerá como todos vocês, mesmo que venha a ser lembrado com honras por ter repousado em meu regaço. Porque eu, Metanira, não sou a velha frágil que você pensa. Sou uma deusa, a imortal Deméter, que traz dádivas a imortais e a humanos.

A isso, suas costas se endireitaram, sua pele rebrilhou. A velhice se dissolveu. Ela adquiriu uma enorme estatura. O cabelo, não mais grisalho e desgrenhado, descia basto e lustroso pelos ombros. Um perfume delicioso — como brisa numa manhã fresca da época de colheita — se espalhou pelo quarto. Dela emanava uma radiação fulgurante. Metanira recuou de espanto e tropeçou, caindo no chão.

— Construa-me um grande templo — ordenou Deméter, a voz feito um trovão de verão. — Determinarei os ritos que você deve oferecer para me satisfazer.

Houve um alvo lampejo luminoso, e ela sumiu. As filhas de Metanira, despertadas pela comoção, entraram correndo. Calídice ergueu o bebê que estava no chão e tentou acalmá-lo e consolá-lo. Mas ele não parava de chorar; queria sua ama divina, não meras irmãs mortais. Já na manhã seguinte, iniciaram-se as obras para um novo templo dedicado à deusa. Todavia, Deméter continuou na Terra, evitando os salões dos colegas imortais. Agora que perdera Demofonte, as saudades da filha redobram. Em sua fúria e dor, ela retirou suas dádivas de colheita e fartura, tanto dos humanos quanto dos deuses. A Terra inteira se congelou na dor da deusa. A Natureza se entorpeceu. Dos galhos nus não surgiu nenhum botão, nenhum broto abriu caminho entre o solo primaveril. Tudo se tornou cinzento e desolado. Dia após dia, semana após semana, mês após mês, apenas sopravam ventos gelados e caíam chuvas violentas. Logo os carneiros e as cabras ficaram sem feno para comer; os celeiros e os depósitos estavam vazios. As pessoas passavam fome e emagreciam. Mesmo os deuses ficaram inquietos e descontentes, visto que os mortais não podiam oferecer sacrifícios de carne fumegante nem enviar ricos aromas aos céus para agradá-los.

Por fim, Zeus enviou Íris — a mensageira dos deuses, que viaja na cauda do arco-íris — em busca de Deméter. A emissária a encontrou sentada sozinha, colérica, em seu templo, aquele que Celeu e Metanira tinham erguido em Elêusis, envolta num manto negro como a meia-noite.

— Por favor, grande deusa, volte ao Olimpo — pediu Íris. — É essa a vontade de Zeus: não o contrarie. Essa raiva já se prolongou por tempo suficiente. É hora de amaciar o solo, de instilar vida nas sementes adormecidas. Já basta de sofrimento. Deméter se virou para ela e respondeu:

— Pode voltar a Zeus e lhe dizer que não retornarei ao Olimpo e nenhuma semente germinará na Terra enquanto eu não puser os olhos em minha filha.

Nada do que Íris disse foi capaz de demovê-la, e assim ela voltou aos salões do Olimpo. Zeus enviou os outros deuses até Elêusis, um a um, levando dádivas e homenagens para oferecer a Deméter para que libertasse a Terra de suas garras invernais, para que deixasse as folhas brotarem, as flores se abrirem, as sementes amadurecerem em suas cascas. Mas ela foi implacável. Mandou todos os deuses de volta para o céu, com a mesma mensagem. Queria ver Perséfone.

Finalmente, o senhor dos raios concordou que Perséfone fosse autorizada a retornar ao ar superior, mas com uma condição — só poderia ficar em caráter permanente na Terra se não tivesse comido nada durante o período que passara nos salões dos mortos. Deméter assentiu, relutante, e o rei dos deuses convocou Hermes e o enviou ao Érebo, o sinistro domínio de Hades. Lá ele encontrou a bela Perséfone, sentada separada de seu sequestrador numa câmara do palácio úmido e escuro; empalidecera e emagrecera, sua beleza divina perdera o viço. Hermes se curvou diante de ambos e anunciou:

— Grande Hades, venho da parte de Zeus. Sei que o senhor não precisa das dádivas de Deméter aqui, em seu reino da morte, onde nada cresce e nunca crescerá. Mas ela está zangada, e a Terra está morrendo. Chegará um tempo em que os humanos deixarão de se multiplicar, e então não haverá mais almas para povoar seu reino. Deméter não cederá enquanto não vir a filha. Por favor, deixe-me levá-la.

Perséfone se pôs de pé num salto, com o coração cheio de esperança, mal conseguindo acreditar que poderia rever a luz encantadora, o céu estriado de nuvens. Hades, com o rosto imóvel e fechado, pensou por um instante. Então chegou a uma decisão.

— Curvo-me à ordem de Zeus — anunciou. — Hermes, arreie os cavalos negros em minha carruagem e leve Perséfone à mãe dela.

Quando Hermes se virou para obedecer, Hades se dirigiu à deusa:

— Senhora, deixe-me ajudá-la com o manto.

Sem suspeitar de coisa alguma, sentindo apenas enorme surpresa pela súbita libertação, Perséfone avançou até ele. Ao se aproximar, porém, ele pôs a mão — fria e dura como mármore — sobre sua boca. Ela sentiu algo na língua e, involuntariamente, engoliu. Hades retirou a mão. Cambaleando, ela se libertou dele.

— É apenas uma semente de romã — disse ele, sorrindo. — Nada demais. Uma brincadeirinha minha. Esqueça.

Perséfone recuou, trêmula, sem entender o que acabara de acontecer — algum jogo, uma cruel despedida. Então virou-se e saiu correndo do palácio, enquanto Hermes aguardava na carruagem de Hades. Ela subiu e se sentou ao lado dele.

— Leve-me embora daqui, já — pediu. — Vamos.

Hermes fustigou os cavalos e saíram a galope pelas terras áridas e desoladas dos mortos. E logo os cavalos começaram a subida, escalando uma trilha que ascendia sempre, sem parar. Saltaram por sobre o rio Estige, as águas fétidas que cercam o domínio de Hades, e chegaram ao local onde as rochas haviam se fechado sobre Perséfone. Os rochedos rangeram, estremeceram e se abriram; veio um sopro de ar com perfume de pinheiro, surgiu a vista do amplo horizonte e viram-se lá fora. Perséfone ria de alegria.

Continuaram a galopar, os cascos dos cavalos mal tocando o solo, até chegarem ao grande templo onde Deméter aguardava. Ali sentada, ela percebeu que a filha se aproximava; ergueu-se de um

salto, desceu correndo os degraus do templo e, enquanto Hermes freava bruscamente os cavalos, Perséfone saltou da carruagem e as duas deusas correram para se abraçar.

A imortal Deméter, que pensara que iria passar toda a eternidade sem rever a filha querida, agarrou-se a Perséfone como se nunca mais fosse soltá-la, beijando-lhe o cabelo macio, os lábios, as faces. E Perséfone, enquanto se afogava naquele abraço forte e protetor, entendeu que o amor de Deméter era único e inesgotável, e que nunca ninguém a amaria como a mãe.

Ficaram um longo tempo assim, e as lágrimas corriam.

Mas, depois, Deméter se apercebeu de algo — algo que não estava inteiramente certo. Desprendendo-se suavemente dos braços de Perséfone, pegou as mãos da filha entre as suas e perguntou:

- Ele lhe deu algo para comer?

— Não — respondeu Perséfone. — Durante todo o tempo em que estive lá, recusei o néctar e a ambrosia. Não suportaria comer coisa alguma que viesse dele.

— Tem certeza? — insistiu Deméter. — Não comeu absolutamente nada, durante o tempo todo em que estive lá?

— Absolutamente nada — respondeu a filha. — Só que... só que, quando Hermes foi me buscar, logo antes de sairmos, ele fez uma coisa pavorosa: empurrou a mão sobre minha boca e me fez engolir alguma coisa. Mas não era nada, só uma semente de romã.

Deméter se virou ligeiramente e então olhou de novo a filha, forçando um sorriso, afagando sua longa cabeleira, e as duas, mãe e filha, ficaram conversando e se reconfortando mutuamente; e Hécate também veio, para ver a querida amiga Perséfone e lhe prometer que ficaria sempre a seu lado, acontecesse o que acontecesse. Após algum tempo, chegou Reia, a grande deusa Titânide, mãe de Deméter, trazendo uma proposta de Zeus.

Reia e Deméter se afastaram para negociar, e só depois Deméter chamou a filha para junto de si. — Perséfone, me escute: Hades ludibriou você. Existe uma lei: se você come alguma coisa, qualquer coisa, no Érebo, mesmo que seja apenas uma semente de romã, precisa voltar para lá para todo o sempre. Mas Reia e eu chegamos a um acordo: durante um terço do ano você ficará lá e reinará como rainha dos mortos. Mas também poderá voltar ao ar superior por dois terços do ano, para ficar comigo e os outros imortais.

Deméter sorriu entre as lágrimas e, nisso, afrouxou seu férreo controle sobre as coisas vivas da Terra. Zéfiro, o suave vento Oeste, começou a aquecer o solo. Não demorou muito, e as quatro deusas — Reia, Deméter, Perséfone e Hécate — puderam ouvir os passarinhos cantando nas árvores. Logo o canto foi abafado pelo grito das cigarras, despertando ao sol. Aos poucos a Terra revivia. Voltava a primavera. Os prados floresciam de novo com açafrões, violetas, íris e narcisos.

## EUROPA

Em Tiro, a família de Europa estava extremamente preocupada. Seu pai, Agenor, enviou os irmãos dela à sua procura. Um deles era Cadmo. Por anos ele foi de terra em terra, procurando a irmã desaparecida. Era a época da guerra entre os Olímpianos e os Gigantes, o grande conflito que Atena desenhara no centro de sua tapeçaria. Gaia, a Terra, enviara pouco tempo antes o filho Tífon — a enorme criatura de tronco humano e cabeças e pernas de serpente — para combater os deuses Olímpianos. Tífon levava vantagem: havia roubado os raios de Zeus.

Não havia como recuperá-los à força. Restava a astúcia. Para auxiliá-lo, Zeus designou quem menos se imaginaria: Cadmo, o irmão da jovem que ele violentara.

— Pegue essa flauta de Pã — disse o deus a Cadmo, omitindo qualquer menção a Europa. — Toque para Tífon, do lado de fora da caverna dele. É preciso distraí-lo. Se você se sair bem, farei de você guardião da harmonia cósmica, e deixarei que despose a bela Harmonia.



Assim dizendo, disfarçou Cadmo como pastor e deu-lhe novas instruções. Chegando ao covil de Tífon, encravado nas montanhas do Tauro, o jovem se recostou numa árvore ali próxima, adotando um ar muito displicente, e começou a tocar. Não demorou muito e a criatura gigantesca, enfeitiçada pela música, veio ondeando para fora da caverna, um imenso tentáculo após o outro, e então as múltiplas cabeças com as bocas arreganhadas e as línguas viscosas. Foi assim que Alcitoé representou a cena, o homem mortal entretendo aquele gigante com serpentes em lugar de pernas.

— Ei, pastor — chamou Tífon, passado algum tempo. — Em vez de ficar me aborrecendo com essa flauta, por que não vai dá-la a Zeus? Sem os raios, ele deve andar sem ter o que fazer. Aliás, tenho uma ideia melhor: que tal fazermos uma competição? Só de brincadeira. Você toca sua flauta e eu faço um pouco de música com o trovão. E, como favor, quando eu for rei dos céus, o que vai acontecer logo logo, deixo você dormir com qualquer deusa que escolher, mesmo Atena, se quiser. Menos Hera, claro. Essa é minha.

O astuto Cadmo então arriscou a sorte. Ele sabia que Tífon tinha pegado não só os raios de Zeus como alguns tendões de seu corpo; esses tendões também estavam escondidos na caverna de Tífon.

— Senhor — disse ele —, eu tocaria uma música ainda melhor se pudesse usar minha lira. Mas justo agora não posso: Zeus destruiu minhas cordas, furioso porque eu tocava melhor do que seu filho Apolo.

Tífon voltou serpenteando animadamente para a caverna e retornou com os tendões de Zeus, estendendo-os a Cadmo para que os usasse como cordas da lira.

— Obrigado — agradeceu o humano, segurando com extremo cuidado os pedaços do corpo do deus. — Com sua licença, vou pegar minha lira.

Cadmo sumiu rápido de vista, fingindo que iria acordar o instrumento, e então começou a tocar na flauta uma música nova e mais suave, imitando o melodioso dedilhado de uma lira. Tífon soltou um suspiro satisfeito e se acomodou para ouvir. Imaginou que Cadmo lhe tocava uma canção de vitória e começou a divagar. Estava tão distraído, de fato, que não percebeu Zeus se esgueirando para pegar seus tendões onde Cadmo os deixara, com todo o cuidado, e então entrando furtivo na caverna para recuperar seus raios.

Agora se movendo depressa, Zeus envolveu o falso pastor numa nuvem, deixando-o invisível. Cadmo parou de tocar. Tífon, num sobressalto, despertou de seus agradáveis devaneios e então, alarmado, chispou sibilante para dentro da caverna. Viu imediatamente o que havia acontecido e foi tomado de fúria.

— De que valem os raios contra mim? — bradou. — As montanhas me servirão de escudo, as colinas e os oceanos serão minhas espadas, os rios minhas lanças! Libertarei os Titãs de suas prisões! Conquistaremos uma grande vitória! Quando eu derrotar Zeus, ele ficará com a tarefa de Atlas, sustentando o mundo sobre os ombros doloridos. Apolo será meu escravo, tocando a lira para mim enquanto me banqueteio ao lado de Cronos! E em Hera conceberei uma nova raça de deuses de múltiplas cabeças.

Zeus deu risada: tendo os raios de volta, ele era invencível. Tífon, porém, continuava perigoso: arrancou florestas inteiras e arremessou-as contra a fortaleza dos Olímpianos. Zeus revidou com trovões, furacões, temporais fustigantes. Mas foi a última batalha entre eles: Zeus venceu, sepultando Tífon sob o monte Etna, tal como Atena representou em sua tapeçaria.

Zeus não esqueceu o jovem humano.

— Saiu-se bem, Cadmo. Será recompensado: fundará uma grande cidade e governará um grande povo. É hora de parar de procurar o touro branco. Esqueça sua irmã. Ela está em Creta, em segurança, mãe de uma criança. Você deve ir logo a Delfos, para consultar o oráculo sobre o

local para sua nova cidade. Mas antes precisa conquistar Harmonia, a mulher que se tornará sua esposa.

Uma brisa forte, lufadas inconstantes. Golfinhos saltando exuberantes entre a espuma, velas batendo, cordas rangendo. Cadmo e seus companheiros tomaram o rumo da ilha de Samotrácia, seguindo as instruções de Zeus. Oficialmente, a ilha era governada por um rei chamado Emation, mas quem realmente exercia o poder era a rainha-mãe Electra, uma das rutilantes Plêiades. Ela era também madrasta de Harmonia, concebida por Afrodite durante seu caso extraconjugal com Ares, deus da guerra.

Depois de atracarem, Peito, deusa da persuasão, se disfarçou como uma mulher local e conduziu Cadmo entre as ruas sinuosas da cidade insular, tornando-o invisível a olhos curiosos. Quando estavam perto do palácio real, ela retomou sua forma divina e partiu como uma flecha para as alturas celestes. O jovem contemplou o requintado edifício: a escada de bronze que levava às portas ladeadas por pilares, o portal de entrada com ricos entalhes, a grande cúpula no centro, os mosaicos de cores vivas nas paredes — obras de Hefesto, reproduzidas com igual habilidade por Alcitoé em sua tapeçaria. Atrás havia um arboreto de pereiras, oliveiras, ciprestes, figueiras, romãzeiras e loureiros, com violetas e jacintos florescendo no solo. Havia fontes, também: uma com água de beber, outra para a engenhosa irrigação dos jardins. Na frente do palácio havia filas de cães de prata e de ouro: autômatos que abanavam a cauda em sinal de boas-vindas ou que ladravam intimidantes. A Cadmo, bateram freneticamente as caudas metálicas no solo.

Emation e Electra acolheram o jovem viajante, e um lauto banquete foi servido. Por fim, quando todos haviam se saciado, o salão caiu em silêncio. Electra fez um gesto para que Cadmo se aproximasse, e ele puxou sua banquetta para perto dela.

— Jovem — disse ela —, agora que descansou e se alimentou, conte-nos algo sobre você e sua família.

O rapaz fez uma pausa, tomou um longo gole de vinho e então respondeu à régia dama.

— Meu nome é Cadmo e sou filho de Agenor da Fenícia. Estou em viagem faz muitos anos, procurando minha irmã, Europa, que nos foi tirada por um touro branco — respondeu ele. E prosseguiu: — Mas, se quer saber a respeito de minha família, vou lhe contar a história de minha trisavó, Io, filha de Ínaco.

Para mais contos, consultar: HIGGINGS, Charlotte. Tradução de: Denise Bottmann. **Mitos gregos:** nas tramas das deusas. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

## **ANEXO 2 – TRECHO DE AS TROIANAS, DE EURÍPIDES**

É louco o mortal que saqueia cidades e viola templos e túmulos, os lugares sagrados dos mortos; a sua própria condenação será apenas adiada.

*(Sai Poseidon, Hécuba começa a levantar-se, devagar).*

HÉCUBA: Vamos, pobre coitada, ergue do chão a tua cabeça, o teu pescoço. Isto já não é mais Tróia, nem somos a família real de Tróia. A fortuna varia, sê brava. Navega com a corrente, navega com o vento do destino. Não enfrentes com o navio da vida os vagalhões do infortúnio. Ah! Eu choro. E por que não poderei chorar em minha desgraça? Perdi minha pátria, meus filhos, meu marido. Ó nobreza, com o teu orgulho espezinhado, nada queres dizer, afinal de contas.

O que poderei dizer que já não tenha sido dito? Que triste leito em que descanso os membros pesados e doloridos, estirada de costas em uma enxerga tão dura, tão dura! Oh! A minha cabeça, as minhas têmperas, minhas ilhargas! Oh! Que doçura em mudar a posição da espinha dorsal, deixar o

corpo descansar de lado, com o ritmo de meus lamentos, de minhas lágrimas incessantes. Esta é a música do sofrimento, o canto fúnebre do sombrio destino.

Ó proas dos navios, à horrenda convocação das trombetas e à alta gritaria dos pífaros, viestes impelidas pelos remos velozes sobre a salina água arroxeadada, atravessando os mares calmos da Hélade até a Ílion sagrada, e na baía de Tróia (ai de mim!) lançastes os vossos cabos, produto do Egito. Viestes em busca da desprezível esposa de Menelau, aquela afronta de Castor, aquele escândalo de Eurotas. Foi ela que assassinou o pai de cinquenta filhos e me lançou a estes tristes escolhos da desgraça.

Ai de mim! Aqui estou, ao lado das tendas de Agamenon. Levam-me para a escravidão, uma velha igual a mim, com a cabeça dilacerada pela afiada lâmina do sofrimento. É demais! Lastimosas viúvas dos guerreiros de Tróia e vós, virgens noivas da violência, Tróia está fumegante, choremos por Tróia. Como uma galinha que protege os pintinhos, eu dirigirei os vossos cantos, ah! Bem diferentes daqueles cantos que eu costumava dirigir em honra dos deuses, debruçada sobre o cetro de Príamo, enquanto os meus pés marcavam o ritmo, e começava a dança frígia.

*(Entra o Coro, dividido em duas partes, uma composta das mulheres mais velhas e outro das mulheres mais jovens).*

CHEFE: Hécuba, qual o motivo dessas lamúrias, desses gritos? Chegou a advertência para alguma de nós? Ouvi os teus tristes lamentos entre as tendas. E o temor encheu o coração das troiana que se encontram lá dentro, deplorando sua escravidão.

HÉBUCA: Minha filha, as turmas dos remadores estão se dirigindo aos navios argivos.

CHEFE: Ai de mim! O que significa isso? Acho que chegou a ocasião em que os navios me levarão para longe de minha pátria.

HÉCUBA: Não sei, mas desconfio do pior.

CHEFE: Ah! Infelizes mulheres de Tróia, vinde cá, para ficardes conhecendo o vosso horrível destino, saí das tendas; os argicos vão zarpar de volta à pátria.

HÉCUBA: Ah! Não deixai vir aqui a tresloucada, a condenada Cassandra, para que os argivos a ultrajem. Poupei-me sofrimento sobre sofrimento. Ó Tróia, desventurada Tróia, este é o teu fim. Desventurados são os que te perderam, os vivos e os mortos.

CORO: Ai de mim! Aterrorizada e tremendo, deixo estas tendas de Agamenon, para ouvir as tuas palavras, ó rainha. Os argivos tomaram as suas decisões? Será a morte, para mim, desventurada: Ou já estarão os marinheiros se preparando para zarparem e empunharem os remos?

HÉCUBA: Minha filha, estou aqui desde que amanheceu, meu coração está repleto de horror.

CORO: Já estive aqui algum arauto dos deuses?

HÉCUBA: Deve estar próxima a hora do sorteio.

CORO: Oh! Oh! Será para Argos ou para Ftia ou para alguma das ilhas que me levarão, desventurada que sou, para muito longe de Tróia?

Hécuba: Ai de mim! Ai de mim! De quem serei a desgraçada escrava? Onde, em que terra irá trabalhar esta velha, inútil como um zangão, pobre simulacro de cadáver, débil e lívido ser? Irei ter de tomar conta de uma porta, ou ser a ama-seca de uma criancinha, eu a quem Tróia prestava as honras de uma rainha?

CORO *(o sinal no começo indica mudança de locutora)*: Ah! Ah! Como são dolorosas as lamentações com que relembra os ultrajes que sofreste!

- Nunca mais moverei a veloz lançadeira nos teares troianos.
- Pela última vez vejo os túmulos de meus pais, pela derradeira vez.
- Terei sofrimentos ainda maiores, obrigada a deitar-me no leito dos gregos...
- Maldita seja a noite em que isso for o meu destino...
- Ou mantida como escrava para ir buscar água em Pirene sagrado.
- Oxalá eu chegue à terra de Teseu, o glorioso, o abençoado.

- Jamais, jamais, imploro, ao sinuoso Eurotas, a maldita morada de Helena, para olhar Menelau como meu senhor, Menelau o saqueador de Tróia.

- Ouvi falar em montões de riquezas, em profusão de faustos, na grande terra de Peneu, o belo pedestal do Olimpo. Oxalá eu ali chegue; é a minha preferida, depois da pátria de Teseu, sagrada, augusta.

- Também há a terra do Etna e de Hefaiostos, a Sicília, mãe das montanhas, em frente à Fenícia; ouvi falar em sua fama, em seus triunfos. Semelhante é sua vizinha, quando se navega no Mar Jônio, a terra banhada pelo mais belo dos rios. Cratis, cujas águas misteriosas (águas que lançam um fogo amarelo nos cabelos) trazem propriedade à terra e uma raça de homens valorosos.

- E eis que chega o arauto do exército dos danaos; aproxima-se, apressando os passos no fim da jornada, para revelar a série de notícia. O que traz? O que tem a dizer? Qual o assunto? Já somos escravas da terra dória.

REFERÊNCIA: EURÍPIDES. Tradução de: David Jardim Júnior. **As Troianas**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. p. 107-110.

### **ANEXO 3 – GRAVAÇÃO DE ENCENAÇÃO DE AS TROIANAS**

Link para acessar a representação de “As Troianas”:

<https://www.youtube.com/watch?v=1GgXpDwtcP0>

Sugere-se a projeção dos minutos 04:55 a 07:00.

### **ANEXO 4 – CENA 2 DE AS MULHERES DE OWU, DE OSOFISAN**

ERELU: Ah, eu sou aquela esparramada pelo chão,  
Na poeira, como uma vira-lata comum! Eu!  
Mas para que se levantar? Para ir aonde,  
Ou para conquistar que propósito? Claro que lamento por mim,  
Mas e daí? Quanto o destino decide te derrubar  
Quanto choro pode te ajudar?  
É isso que fico dizendo a mim mesmo. E digo - Resigne-se,  
Erelu Afin, e aceite isso tudo com toda sua paciência!  
Mas a Natureza é fraca: minhas lágrimas derramam, todavia!  
(Ela chora, enquanto senta)

Líder do Coro: Oh, nós derramamos nossas próprias lágrimas também, Erelu Afin!  
Alguém pode ser forte o suficiente frente ao infortúnio?  
No lugar da coragem, o desastre nos esgota!

Erelu: Quem vai olhar para mim agora, e lembrar  
Que um dia fui rainha aqui, nesta cidade em ruínas,  
Ou que em aquele lugar ali, agora queimando em cinzas  
Eu dei a meu marido cinco filhos esplendidos?

Mulher: Eu lembro, Erelu, assim como recordamos também  
Que um por um, ontem,  
Bem à frente de nossos olhos, os invasores cortaram suas gargantas,  
De todos aqueles belos príncipes.

Todos:	Ontem.
Erelu:	E minhas filhas, queridas mulheres! Esses mesmos olhos viram minhas filhas Tomadas pelos cabelos, suas roupas arrancadas de seus corpos Por homens brutais, e sua inocência despedaçada para sempre Em uma orgia de rapinagem sem sentido.
Mulher:	Erelu, nós ainda ouvimos seus gritos rasgando pelo Ar, rasgando nossos corações.
Erelu:	Minhas filhas - lembrem, elas estavam todas Noivas para se casarem com reis! Já, Lembrem, o palácio estava animado com suas canções nupciais Cantos de dançarinas e tambores Ensaando para o dia -
Mulher:	Nós lembramos das músicas bem até demais, Erelu, E as danças: Nós criamos a maioria delas!
Erelu:	Agora aquelas garotas sorridentes Estão indo para as cozinhas de brutamontes! E suas músicas - cada palavra uma lâmina de escárnio agora - Se afundam silenciosamente por nossa garganta! Ah, estou falando muito! Me perdoem, eu lhes imploro, É por meus olhos: eles ficaram exaustos Com o choro, e congelados frente a meus desejos. Falar é a única arma que me sobrou para o luto.
Líder do coro:	Nós sabemos, Erelu. Continue falando. Seja forte.
Erelu:	Oh eu queria morrer, morrer! Ou cair silenciosa Em um buraco onde a tristeza não possa mais me alcançar! Quem irá salvar Erelu Afina? Quem pode me salvar agora?
Mulher:	Sim, quem irá nos salvar? (Erelu cai no chão e a lamentação ' <b>Lèsi ma gbàwá ò'</b> aumenta. Ela acompanha o canto por um momento)
Erelu:	Oh suas bestas Ijebu! E os animes de Ifé que são seus aliados! Seus mercenários de Oyo que foram feitos sem-teto pelos Fulani, e que devem fazer os outros sem-teto também! Todos vocês homens preparando o retorno à casa Depois de destruírem nossa cidade! Minha maldição sobre vocês! Que vocês nunca mais vejam o chão de suas terras natais!
Mulheres:	<i>Tuah!</i> Eu cuspo e o vento seca! Que cada um seja sugado e ressequido pelo vento Da aflição em sua jornada de volta!
Líder do coro:	Você que transformou a nossa cidade um dia próspera Em uma relíquia da história, que todos vocês sem exceção

	Sofram a indignidade de sepulturas esquecidas!
Mulher:	Mentirosos! Vocês vieram, vocês disseram, Ajudar a libertar o nosso povo de um rei perverso. Agora, Após sua liberação, aqui estamos Com nossos espíritos despedaçados e nossos rostos inchados Esperando para nos tornar em prostitutas e servas Em suas cidades. Eu também, amaldiçoo vocês!
Erelu:	Selvagens! Vocês dizem ser mais civilizados que nós Mas se importam com toda essa matança e carnificina Para mostrar que eram mais fortes que nós? Vocês Tem que mergulhar todas essas mulheres em luto Apenas para buscar o controle sobre nosso famoso mercado de Apomu Conhecido em todos os cantos por suas mercadorias incomuns?
Mulher:	Não, Erelu, o que você está dizendo, Ou você esqueceu? Eles não querem nosso mercado de forma alguma -
Mulher:	Eles não estão interessados em coisas mesquinhas Como lucro -
Mulher:	Apenas em ideias nobres, muito nobres, como liberdade -
Mulher:	Ou direitos humanos -
Mulher:	Oh os Ijebus sempre desdenharam mercadorias -
Mulher:	Os Ifés não se movem pelo brilho do ouro -
Mulher:	Os Oyos não se preocupam por seda ou marfim -
Mulher:	Tudo de que eles cuidam, minhas queridas mulheres Tudo de que eles cuidam, eles todos, é de nossa liberdade!
Mulher:	Ah Anlugbua abençoe seus corações gentis!
Mulher:	Abençoe a gentileza que nos resgatou Da tirania em ordem de nos lançar à escravidão!
Mulher:	Cantem, minhas amigas! Vamos celebrar Nossa recém-ganha liberdade de grilhões! (Elas continuam sua lamentação, até que o grito de angústia de Erelu as corta de modo abrupto)
Erelu:	Olhem o acampamento à distância Onde os soldados estão se preparando para partir.
Mulher:	Sim, nós os vemos, arrumando seus cavalos -
Mulher:	Desarmando suas tendas -
Mulher:	Retirando os troncos latentes, Extinguindo o fogo -
Mulher:	Amarrando suas bolsas -

Mulher:	Enchendo os gigantes barris de água -
Erelu:	Eles estão se preparando para a jornada de volta à casa!
Líder do coro:	Sim, claro, eles estão partindo. O que sugere fazer? (Erelu lamenta novamente)
Mulher:	O que podemos fazer: Logo, sabemos, nós seremos separadas Umas para ser concubinas dos oficiais
Mulher:	Algumas para ser servas domésticas,
Mulher:	Algumas para serem vendidas Às caravanas de escravos indo ao norte para os árabes
Mulher:	Ou ao sul para os navios dos homens brancos. (Enquanto Erelu lamenta, entram as duas mulheres que vimos anteriormente)
Mulher:	Nós o vimos! Nós o vimos!
Líder do coro:	Quem?
Mulher:	Nós vimos o ancestral, Anlugbua!
Mulher:	O que! (Gritos de surpresa, choque, descrença, etc.)
Mulher:	Agora há pouco, logo ali! É verdade!
Mulher:	Nós duas, nós o vimos! Falamos com ele!
Mulher:	<i>Ope o, Anlugbua!</i> Salvation's arrived at last!
Líder do coro:	Venham aqui, mulheres de Owu Ipole, Vocês todas que perderam seus maridos e sua inocência Venham e -!
Mulher:	Não, escute-
Líder do coro:	Livrem-se de seu desespero, eu digo, e com uma canção de provocação Se atrevem a olhar os destroços em chamas, e saudar a nossos homens caídos!
Mulher:	Não! Não!
Mulheres:	Não o que?
Mulher:	Nós o vimos, mas... não é a salvação ainda!
Mulheres:	Não? O que quer dizer?
Mulher:	Anlugbua veio, mas Ele retornou ao paraíso. Nós estamos por nossa conta!

Mulheres:	Mentirosa! Impossível!
Mulher:	É verdade!
Mulher:	<i>Yeah! Ye-pah!</i> Ele se foi?
Mulher:	Ele nos contou por ele mesmo de sua impotência!
Mulheres:	Então não foi ele quem vocês viram!
Mulheres:	Ele não pode nos abandonar assim, não ele! Não nosso pai ancestral!
Mulher: (Lamentação geral)	Ele o fez. Ele nos deixou na derrota. Nós estamos por nossa conta.
Líder do coro:	Não, parem a lamentação e preparem-se Minhas queridas mulheres. A lição é clara. Somos nós, não os deus, Que criamos guerra. Somos nós, nós seres humanos, que podemos matá-la.
Mulher:	Como? O que podemos fazer? Que poder de persuasão Temos sobre esses homens com sede de sangue?
Erelu:	Ah, aumentem suas lamentações novamente, sem tremores, ainda que Pela última vez, mulheres! É muito melhor que Nossas questões desnecessárias: Comecem a canção: Para aqueles que sobreviveram, há sempre um outro dia (Elas começam o lamento, <b>Lèsí gbó gbìgbì léreko o</b> )
Líder do coro:	(Àqueles fora do palco) Esses miseráveis ali, cobrindo-se de desespero Como todas nós, saíam eu disse, e Vejam por si mesmos! Enquanto nossos conquistadores Preparam a primeira fase de nossa escravização, nossos corajosos deuses Correm para se esconder em seu paraíso! Venham agora, E se juntem a nós, todos vocês!
Erelu:	Não, minha querida mulher, eu lhe suplico, não mesmo. Ao menos meu pobre Orisaye continua a permanecer dentro, Fora dos olhares por agora. Esses eventos, como sabe, Fizeram dela mais delirante do que era, E seu estado de incoerência apenas pioraria Ao ver sua mãe assim.
Mulher:	Mas o que eles vão realmente fazer conosco, Erelu? Por favor, Diga alguma coisa! Minha imaginação está me matando!
Erelu:	Na derrota, queridas mulheres, sempre esperem o pior. Essa é a lei do combate. A lei da derrota. (Para ela mesma) Olhe para mim! Uma escrava! Para quem eles me venderam: Aos mercadores de carne de Kano ou Abomey? Ou Direto aos mestres brancos nos castelos frios Do Cabo Corso? Colocarão eles cadeados Nesses lábios enrugados, e grilhões nesses velhos e



	Secos pés? Ah, eles vão me marcar com ferro quente, Eu! Eu vou ser a serva de uma matrona estrangeira: Eu vou cuidar noite e dia de seus moleques, Ou trabalhar arduamente em sua cozinha, escolhendo vegetais, Meu corpo coberto em feridas! Eu, Erelu de Owu!
Líder do coro:	Erelu, piores provações ainda estão à frente. Nos ajude. Preserve a sua força para que possamos preservar a nossa.
Mulher:	Piores provações que essas? Isso é possível?
Mulher:	Seria o inferno para mim. Eu sei, longe essas ruas familiares.
Mulher:	E eu! Mesmo que essas mãos possam tecer de novo, Anlugbua. Isso nunca será novamente aqui, nos alegres teares de Owu?
Mulher:	Ah, apenas imagine ter de limpar seus banheiros!
Mulher:	Talvez eu serei sortuda o suficiente para ser levada Ao reino Ijebu. Lá, me disseram, a vida é sempre agradável, Até para escravos. E estar perto de Lagos faz das joias baratas.
Líder do coro:	O que!
Mulher:	Qualquer lugar Será melhor para os escravos que as florestas de Ifê...
Líder do coro:	Não, minha amiga, você não entende! Nenhum lugar Será de algum modo agradável para ser escrava! Tudo o que podemos É combater o infortúnio com nosso espírito, nosso desejo. Então, vamos dançar minhas amigas, enquanto esperamos, como Nossas mães nos ensinaram a fazer em momentos como esses Dancem a Dança dos Dias de Woe! (Elas para a lamentação e dançam, vagarosamente, enquanto as luzes diminuem na cena até um apagão)

REFERÊNCIA: OSOFISAN, Femi. Cena 2. In: \_\_\_\_\_. **The Women of Owu**. Ibadan: University Press PLC, 2006. p. 10-17. (Tradução de: Heloisa Motelewski).

## **ANEXO 5 – GRAVAÇÃO DE ENCENAÇÃO DE AS MULHERES DE OWU**

Link para acesso à representação de “As Mulheres de Owu”:

<https://www.youtube.com/watch?v=eISqBmGXeko>

Recomenda-se projetar em sala o corte dos minutos 15:00 ao 26:00.

## **ANEXO 6 – LISTA DE TEMAS-PROBLEMAS PARA ATIVIDADE**

1. Trabalho; 2. O papel da mulher na sociedade; 3. Racismo; 4. Tecnologia; 5. Globalização; 6. Exploração do meio ambiente; entre outros.